

A Morada da Paz, uma entidade *feminina e kilombola*

Luiza Dias Flores

Doutora em Antropologia Social pelo PPGAS do Museu Nacional/UFRJ

ldiasf@gmail.com

Foi em 2013 meu primeiro encontro com a Comunidade *Kilombola*¹ Morada da Paz, também conhecida como Território de Mãe Preta. Afirma-se *kilombola com k* para contrapor-se ao quilombola com q. Dizem ser *sobreviventes*, no sentido de resistentes, de um passado escravagista e não remanescentes, que seriam, na concepção dos sujeitos que fazem a comunidade, aqueles que “restam”. Recuperam o que afirmam ser o sentido bantu do termo, onde o *kilombo* alude à fortaleza, à união, às relações de uma *comunidade*. Diferenciam *kilombo* de quilombo, percebendo esse último como a “língua do colonizador”, a linguagem pela qual o Estado identifica e reconhece os sujeitos. Parecem nos dizer que há elementos constituintes do que são que fogem às inscrições estatais – ainda que se utilizem delas quando julgam necessárias. O *kilombo*, contudo, é externo ao Estado.

*

Foi em um mutirão de bioconstrução organizado por um coletivo parceiro da comunidade, minha primeira aproximação com o território. Nesse mutirão, revestimos com barro os fardos de palha que formavam as paredes da *Casa Bio*, uma das construções que participam da área central da Comunidade. Formada majoritariamente por mulheres negras e suas filhas e filhos, as integrantes identificaram-se como uma *comunidade espiritual*, e, desde o início de nossa estadia, que durou quatro dias, fomos convidadas a

1 Entendo o quilombo como uma modulação daquilo de Abdias do Nascimento chamou de quilombismo: “ideia-força, energia que inspira modelos de organização dinâmica desde o século XV” (NASCIMENTO, 1980, p. 256). O quilombismo, para o autor, é um movimento de inúmeras práticas associativas, ilegais ou toleradas pelo poder colonial e estatal, que sustentavam e sustentam a necessidade de assegurar a “existência do ser” da população negra, resgatando a dignidade e liberdade através da organização de uma sociedade livre”.

muitos ritos de *chegança*. Não basta cruzar o colorido portão que demarca a entrada da comunidade. É preciso *saber chegar*.

Recepcionaram-nos ao redor de uma fogueira, cuja entrada conta com inúmeros adornos referenciando-nos que aquele espaço conta com a presença de diversos Orixás. Ensinaram-nos que ao redor daquele fogo, que tudo é capaz de transmutar, era preciso inspirar profundamente e, acompanhado por gestos com as mãos em direção às chamas, expirar com intensidade. O chamado “*fazer o ru!*”, dizem as crianças. Depois, conduziram-nos por um caminho, por onde passamos pelo *cantinho da sabedoria*. Uma imensa figueira apresentava-se adornada. As mais velhas nos contaram que aquela árvore é uma das velhas centenárias que informaram qual seria o território em que a comunidade se estabeleceria. Logo, convidaram-nos a percorrer uma trilha, chamada *trilha da Paz*, em silêncio, para saudar todos os seres que habitam as matas. A cada passo que dávamos, um ensinamento nos era transmitido através de provérbios escritos em pequenas plaquinhas de tecido.

Em meio à trilha, havia um espaço que nos foi apresentado como o *cantinho do Seu Sete*. Seu Sete, também conhecido como Exu-Rei, é o pai da comunidade e de todas aquelas e aqueles que ali vivem. É ele quem guia os caminhos, abre as possibilidades de percursos, e resguarda a Comunidade Morada da Paz de todo o mal. Seguimos a trilha e, mais adiante, encontramos o canto dos pretos-velhos, com algumas estatuetas e sementes de lágrimas de nossa senhora postas ao centro. A mãe da comunidade e daquelas e daqueles que ali residem é uma preta velha conhecida como Mãe Preta, a chamada *Yaba ancestral*. É sobretudo ela quem orienta os rumos da comunidade, trazendo orientações valiosas do que fazer, de como lidar com as adversidades que a vida apresenta, de como desenvolver um olhar aguçado e doce às magias da vida. Mãe Preta é conhecida pelos seus colos reconfortantes a todos que buscam a comunidade e por suas cachimbadas e desejos constantes, às suas filhas e filhos, de *forças e proteção*.

Após cruzar um pequeno córrego, saímos da mata e fomos convidadas a circundar um olho de Hórus² desenhado com tijolos na grama à beira de um calmo açude. A trilha já estava por acabar. Percorremos o *caminho dos mestres*, que liga a área central da fogueira e das casas ao açude, e voltamos ao ponto inicial. No meio do caminho, cruzamos pela horta de todos nós e encontramos um santuário a céu aberto, com uma pequena estatueta de Buda. Seguimos, cruzamos a entrada do *Templo*, espaço onde acontece a maior parte dos rituais, e, enfim, chegamos novamente à fogueira.

Esse primeiro contato com a Morada da Paz produziu em mim uma espécie de

2 Trata-se de um símbolo muito popular que dizem ser oriundo do Egito Antigo e que significa proteção, restabelecimento da saúde, intuição e visão.

encantamento. Mulheres negras, moradoras de uma comunidade espiritual rural, onde todas as integrantes são filhas de um Exu e de uma Preta-velha. Mulheres negras que definiram suas práticas espirituais como *afrobudígenas*, a partir da relação estabelecida entre três matrizes: budismo tibetano mahayana, práticas afro-brasileiras – incluindo Umbanda, Candomblé e Batuque – e xamanismo indígena mbyá-guarani. Tal como narravam a si próprias, uma *comunidade espiritual feminina kilombola*, altamente preocupada com a *consciência ecológica*. Uma *comunidade espiritual feminina kilombola sustentável*, que desenvolve projetos sociais e culturais sobre educação ambiental e afro-brasileira e possibilita uma série de eventos, as chamadas *datas sagradas*, de encontros e partilhas de saberes entre povos negros e indígenas.

Situada na BR-386, entre os municípios de Triunfo e Montenegro no Rio Grande do Sul, a Comunidade participa da região metropolitana de Porto Alegre e encontra-se na divisa entre duas regiões: a microrregião São Jerônimo, conhecida como região carbonífera, cuja base da economia é o Polo Petroquímico; e a microrregião de Montenegro, cuja economia predominante está nas produções agrícolas, com principal destaque às monoculturas de acácia e eucalipto. De Porto Alegre, encontra-se a 60 km de distância, trajeto comumente feito pelas integrantes da comunidade e por seus visitantes. Afinal, muitas delas trabalham e estudam em Porto Alegre.

Foi fundada nesse local em 2002, por um grupo de amigos que desde 1998 constituía o grupo Cosmos, grupo de estudos sobre mediunidade e paranormalidade que se encontrava periodicamente em Porto Alegre. O deslocamento dessas pessoas do meio urbano para o meio rural foi resultado de uma orientação recebida de Mãe Preta. Hoje, moram no local 25 pessoas, com principal destaque 5 pessoas fundadoras, reconhecidas como Yas (as mães) e o Baba (o pai) da comunidade. Atualmente, desenvolvem seus atendimentos espirituais mensais, denominados *Muzunguês*. Também realizam trabalhos sociais com jovens e crianças, que levou à criação, em 2013, do *Ponto de Cultura Omorodê – Ponto de Cultura da Infância*.

Há também o Instituto *CoMPaz*, criado em 2015, outra ferramenta da Comunidade Morada da Paz que tem por intuito garantir a autonomia financeira daqueles que dela participam de modo a não compactuar, o máximo possível, com a lógica capitalista. Cria-se, no interior das práticas do Instituto o que chamam de *Ekonomia do Afeto*. Uma forma de economia que muito dialoga com a Economia Solidária, mas com uma atenção especial às trocas de afeto e a proposição de uma economia não individualista ou meritocrática. Desde 2016, encontra-se também no processo de criação e formalização a *Escola ComKola Kilombola Epê L'ayiê*, escola comunitária de educação infantil cujo

nome, em iorubá, significa Terra Viva e que vem desenvolvendo uma pedagogia singular, denominada *Pedagogia do Encantamento*. Essa pedagogia tem como princípio norteador a compreensão de que tudo o que habita o mundo é vivo e sagrado e que é fundamental para todo processo educativo manter a cola das relações, por isso Mãe Preta trouxe à comunidade o termo *ComKola*, e a percepção encantada do mundo. Também em 2016 recebeu a certificação de autorreconhecimento enquanto comunidade quilombola pela Fundação Cultural Palmares.

A Morada é um território de intensa criação e experimentação. Justificam a existência de tantas ações e proposições afirmando que o território é um espaço que serve à defesa da vida, à cura, ao cuidado, ao serviço a todos os seres. “A Morada é uma mulher vaidosa”, disse uma das Yas, “tem a *força do feminino*”, ouvi de outra iaô³. A primeira dizia-nos, ainda, que a Morada era uma mulher vaidosa porque gostava de ser enfeitada para receber seus visitantes e ter suas matas e animais zelados. Gostava de ser cuidada pelas suas filhas e filhos, na exata medida em que cuida delas, dando-as a sustentação espiritual e física, através das *chamadas de entidades*⁴, *Muzunguês*⁵, da alimentação agroecológica e da farmacinha viva. Mas, acima de tudo, permitindo-as que *sonhem* – aliem-se às forças criativas de um porvir – para a construção de outro mundo possível. “A Morada”, disse-me outra Ya, “é uma curandeira” e “está grávida de outro mundo”...

Objetivo, através desse breve ensaio fotográfico, fruto de minha pesquisa de doutorado (FLORES, 2018) e da relação que estabeleço com a comunidade, apresentar em imagens essa *entidade* não-humana *feminina* e *kilombola*, que é a Morada da Paz – Território de Mãe Preta, através de suas composições heterogêneas e seus desejos de outro mundo possível.

Referências

FLORES, Luiza Dias. 2018. *Ocupar: composições e resistências kilombolas*. Tese de doutorado. PPGAS/Museu Nacional/UFRJ.

NASCIMENTO, Abdias do. 1980. *O Quilombismo*. Petrópolis: Vozes.

Recebido em 22 de dezembro de 2018.

Aceito em 10 de abril de 2019.

3 Iaô é como são denominadas aquelas que se iniciam ao culto do Orixás.

4 Momento semanal em que os médiuns da corrente aprendem a lidar com as entidades e onde estas apresentam-se para desenvolver seus trabalhos espirituais.

5 Atendimento espiritual mensal, aberto ao público externo.



Figura 1: Área central da comunidade, a fogueira em que todos são recepcionados. Essa foto em questão ocorreu durante uma das datas sagradas da Comunidade, que contou com a participação de povos indígenas e quilombolas do Pará, Alagoas, Bahia e Rio Grande do Sul.



Figura 2: Quando procuravam um lugar para construir a comunidade, Mãe Preta orientou a elas de que duas velhas centenárias “mostrariam o caminho”. Assim que chegaram ao terreno para visita, foram recepcionadas por duas grandes e velhas figueiras que, enfim, indicaram o local. Uma delas tombou com uma forte tempestade. Já esta, marca e zela pelo cantinho da sabedoria.



Figura 3: O caminho dos mestres, que liga a área central da comunidade ao açude.



Figura 4: Durante o caminho dos mestres, cruzamos com o canto do Buda, que fica próximo à Horta de todos nós. Atrás, podemos ver a produção de legumes, verduras e hortaliças.



Figura 5: As ervas são consideradas sagradas. Elas servem para curar males que se apresentam nos corpos físicos e espirituais, através de chás, defumação, benzeduras e banhos.

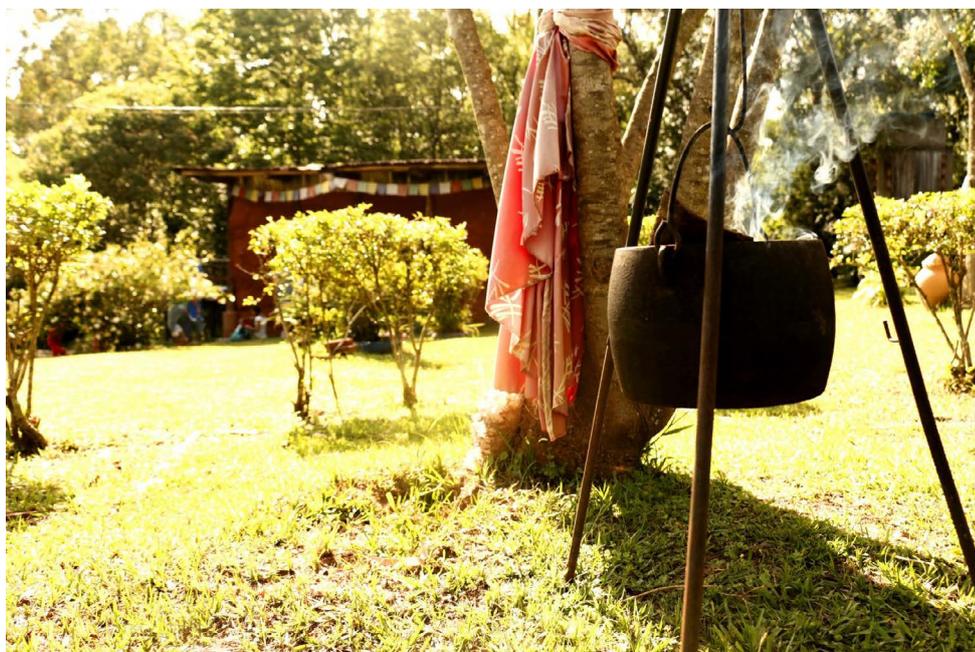


Figura 6: A defumação é um dos elementos centrais em todos os momentos vividos no território, assim como o fogo. Nessa foto da área central, podemos ver a Casa Bio ao fundo.



Figura 7: A xanduca, ou cachimbo, também é utilizada como instrumento de cura. Mãe Preta utiliza sua xanduca para esfumaçar aqueles que com ela vão consultar como uma forma de distribuir axé. A xanduca é um instrumento que, para a Morada, celebra a união dos povos negros e indígenas. Essa foto específica apresenta uma representante Kariri-Xocó e Fulniô, amiga da comunidade, com sua xanduca.



Figura 8: Os tambores são centrais na comunidade. São os meios através dos quais as entidades manifestam-se nos médiuns rodantes. Na comunidade são tocados, pelos alabês, os atabaques Rum, Rumpi e Lé.



Figura 9: A saia é outro elemento importante na comunidade. Todas e todos que participam dela possuem uma "saia de trabalho", utilizada de diversas formas para limpar e harmonizar os ambientes e os corpos. Essa foto específica apresenta uma das datas sagradas da comunidade, o Labirinto dos Sete Caminhos.

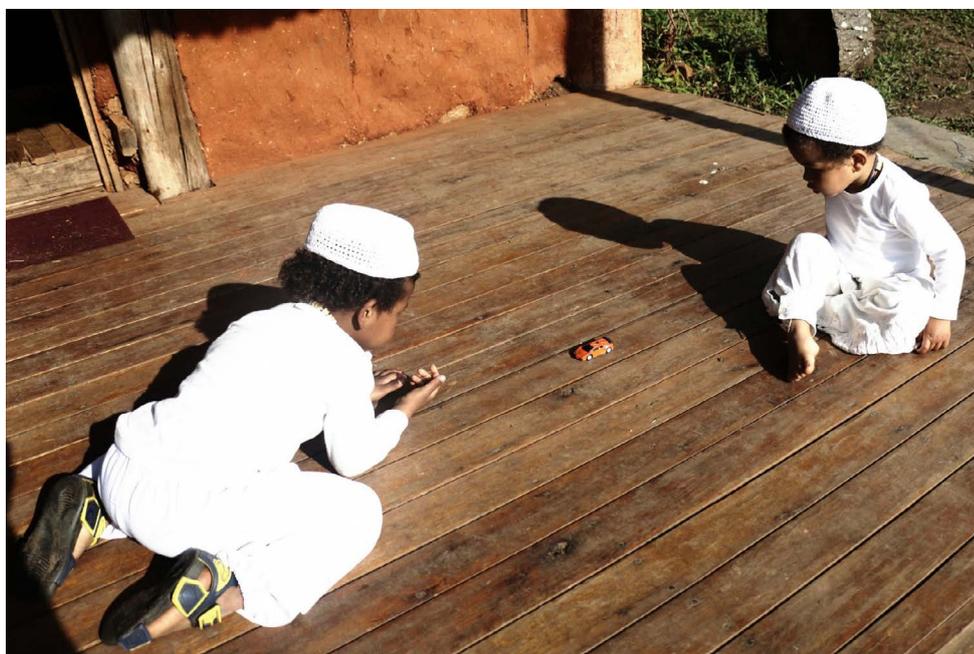


Figura 10: As crianças da comunidade participam de todos os ritos e atividades que ali acontecem. A educação é percebida como central para a criação de novas formas de relações, para a produção de outro mundo possível.